

TEOLOGIA A MARTELADAS

THEOLOGY THROUGH HAMMERING

*Edelcio Serafim Ottaviani**

*Anderson Frezzato***

RESUMO

Este artigo, por meio de uma pesquisa documental e analítica das “Notas sobre a situação dos padres belgas no Brasil” (1960), procura ressaltar a metodologia de trabalho do teólogo José Comblin: uma reflexão teológica a marteladas. A exemplo de Nietzsche, com golpes certos, ele desconstrói as premissas da carta Encíclica *Fidei Donum* de Pio XII. Por meio delas, Comblin mostra que o problema do Brasil não está na quantidade de missionários a receber, seja da Bélgica ou de outros países europeus, mas na qualidade do trabalho que eles venham a desenvolver, ao elaborar um plano de evangelização junto ao clero local. Ao enviar essas notas ao diretor do Colégio Pró-América Latina (COPAL), Comblin deixa transparecer um elemento central do seu pensamento que continuará presente em seus escritos e projetos de evangelização: a leitura dos sinais dos tempos. Com um olhar aguçado, tratará de mostrar às autoridades eclesiais a existência de certa divergência entre a proposta missionária da Igreja belga e a expectativa da Igreja do Brasil. Segundo ele, trata-se mais de um trabalho de cooperação entre as Igrejas do que propriamente um labor missionário. Por meio de uma leitura dos documentos cedidos pelo COPAL e de um suporte bibliográfico, este artigo apresenta: o contexto em que foi criado o Colégio e seus objetivos iniciais; a metodologia de análise e a estrutura das “Notas”, a partir das quais nosso autor procurará contribuir para a eficácia do projeto missionário elaborado pelo COPAL.

* Pós-doutorado em Filosofia, na PUCSP. Doutor em Filosofia pela Université Catholique de Louvain (1996). Professor no Programa de Estudos Pós-graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Reitor do Centro Universitário Assunção - UNIFAI. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1051673310922372>. E-mail: eottaviani@pucsp.br.

** Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2006) e graduação em Teologia pela Faculdade Dehoniana (2014). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1742743750209663>, E-mail: afrezzato@gmail.com.

Palavras-chave: COPAL. José Comblin. Missão. Padres belgas no Brasil.

ABSTRACT

This article, by means of a documental and content analytical research of the "Notes about the situation of the Belgian priests in Brazil" (1960), tries to highlight the theologian Joseph Comblin's methodology of work: a theological reflection by hammering. Under Nietzsche's example, by well-aimed strikes he deconstructs the propositions of the Encyclical Letter *Fidei Donum* by Pope Pius XII. Through this notes, Comblin shows that Brazil's problem is not lie in the quantity of missionaries to receive, whether from Belgium or other European countries, but in the quality of the work that they may develop, to elaborate a plan of evangelization with the local clergy. In sending these notes to the director of the Collegium Pró-América Latina (COPAL), Comblin shows a characteristic of his thought that will always be present in his writings and projects of evangelization: the reading of the signs of the times. With a sharp vision, he will endeavour to show the ecclesiastical authorities the existence of a certain divergence between the missionary proposal of the Belgian Church and the expectation of the Brazilian one. According to him, it is more a work of cooperation between the Churches than properly a missionary labour. Through a reading of the documents provided by COPAL and a bibliographic support, this article presents: the context in which the School was created and its initial objectives; the methodology of analysis and the structure of the "Notes", from which our author will try to contribute to the efficacy of the missionary project elaborated by COPAL.

Keywords: COPAL. José Comblin. Mission. Belgian priests in Brazil.

1 INTRODUÇÃO

Este nosso artigo tem por objetivo expor a compreensão de José Comblin sobre a missão do Colégio Pró-América Latina, presente em diversas notas por ele escritas referentes às atividades dos padres belgas no Brasil. Este Colégio nasceu da própria índole e preocupação missionária da Igreja, preocupação esta que encontrou ressonância entre os bispos belgas, responsáveis por fundar, em 1953, uma instituição voltada à formação de missionários interessados em atuar na América Latina. Expomos, assim, na primeira parte deste trabalho, os pressupostos históricos e eclesiológicos que cercaram a fundação, missão e estrutura do Colégio e apresentamos nosso teólogo como um dos missionários formados e enviados ao Brasil pelo COPAL.

Na segunda parte, apresentamos a estrutura das "Notas" escritas por Comblin e um ou outro aspecto da situação dos padres belgas analisada por ele. Elas, as notas,



manifestam seu modo de entender a missão e o objetivo do Colégio a partir do *locus* missionário em que se encontra: a recém-criada Arquidiocese de Campinas. Por meio de uma argumentação sólida, amparada em sociólogos e cientistas políticos brasileiros de renome, o jovem teólogo belga mostra haver certa discrepância entre a proposta de missão elaborada pelos bispos belgas e o modo como ela será, aqui, desenvolvida. Nosso autor apresenta as teses que acredita serem mais eficazes a um projeto de cooperação entre os dois países, ou seja, ele não considera a tarefa do COPAL como um trabalho de missão entre a Igreja da Bélgica e a Igreja do Brasil. Em seu entender, o trabalho de missão está reservado a terras onde a evangelização nunca foi implantada, o que não é o caso do Brasil, uma vez que a Igreja Católica encontra-se aqui instalada há 450 anos. Comblin desconstrói as premissas da carta Encíclica *Fidei Donum*, de Pio XII, afirmando que a presença de comunistas no Brasil é irrelevante e que o comunismo e sua crítica da religião não poderão atingir o sentimento religioso do povo brasileiro e latino-americano, tal como foi ocorrido na Europa. Por meio dessas “Notas”, o autor mostra que o problema do Brasil não está na quantidade de missionários a receber, seja da Bélgica ou de outros países europeus, mas na qualidade de um projeto de evangelização que eles e o clero local venham a desenvolver em conjunto. Por meio delas, nota-se o “gênero literário” empregado pelo autor que, segundo o nosso olhar, se aproxima daquele empregado pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900). Comblin, por uma reflexão teológica a marteladas, revela o traço que marcará o estilo de seus futuros escritos e que contribuirá profundamente para a formação de um pensar teológico originalmente latino-americano: a teologia da libertação.



PARTE I

2 PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS E ECLESIOLÓGICOS DA FUNDAÇÃO DO COLÉGIO PRÓ-AMÉRICA LATINA (1953-2002)¹

O COPAL nasce do desejo da Igreja, e em especial dos bispos belgas, de fomentar a formação de futuros missionários para serem enviados ao continente latino-americano. Fundado em Lovaina, na Bélgica, próximo à famosa universidade e em colaboração com ela, o Colégio se tornará, por cerca de 50 anos, um instrumento fecundo de evangelização, por parte da Igreja europeia, em terras “descobertas” por Colombo e Cabral. Para que as “Notas sobre a situação dos padres belgas no Brasil”, de José Comblin (1923-2011), sejam mais bem compreendidas, faz-se necessária a apresentação das razões históricas e eclesiológicas que levaram à criação do COPAL. Elas encontram seu fundamento na documentação consultada, em julho de 2017, junto aos Arquivos da Arquidiocese de Malines-Bruxelles, na qual se leem os propósitos, objetivos e ideais que permearam todo o trabalho de formação dos missionários na célebre instituição lovainense. Quanto ao dossiê “Comblin”, o material foi gentilmente colocado à nossa disposição pelo Sr. Gerrit Van den Bosch, diretor do Arquivo, que nos deu valiosas indicações sobre as “Notas” e a permissão para que fotografássemos todas as suas páginas².

Começamos por localizar, na história, os dois fatos propulsores da transformação da vida eclesial moderna: a Revolução Francesa e a Revolução Industrial (Cf. HOBBSAWN, 2017, p. 20 ss). É certo que desde a tomada da Bastilha pelo povo, em 14 de julho de 1789, a França passou a liderar o processo de uma revolução política, ao proclamar o abandono de uma monarquia absoluta, sustentada pelo clero e pela aristocracia, e ao instaurar a participação cada vez maior da burguesia nos rumos da política e economia nacionais. Na linha dos grandes acontecimentos de âmbito

¹ A data aqui indicada nos é fornecida por Eddy Stols e se refere à venda do prédio depois do fechamento do Colégio e venda. A placa do COPAL ainda se encontra na entrada do edifício; ao lado dela se tem outra, indicando a presença da Igreja Ortodoxa Russa. Stols, em seu artigo, fala que o envio de padres belgas ao Brasil se deu até 1990 (Cf. STOLS, 2014, p. 176).

² A permissão nos foi dada desde que mencionássemos a sua fonte e enviássemos cópia de tudo o que aqui seria produzido em relação ao material do Dossiê. O material referente ao COPAL e às notas se encontra à disposição para ser impresso na sala do Grupo de Pesquisa José Comblin (GPJC) - PUCSP, Campus Ipiranga.



internacional (*événements*), a Revolução Industrial, liderada pela Inglaterra na primeira metade do século XIX, alterou os rumos da economia e abriu todas as portas para o advento de uma indústria capitalista que, pouco a pouco, converteu os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade para todos, proclamados na Revolução Francesa, em ideais voltados para os interesses da burguesia liberal. Nesse contexto, a Igreja Católica, que passara séculos legitimando o poder monárquico e usufruindo dele, se viu questionada tanto na forma de sua presença no mundo quanto nos meios empregados para a evangelização (Cf. PIERRARD, 2002, p. 211).

Com a Declaração dos Direitos do Homem (DDH), em 26 de agosto de 1789, a Assembleia Constituinte francesa, por força de ruptura, abandonou as relações amigáveis com a Igreja Católica e passou a elaborar a ideia de uma Igreja Nacional. Tal empreitada introduziu uma crise na Igreja católica, na França. Napoleão, por sua vez, ao alimentar o desejo de estabelecer um Império Francês e ao desfazer as fronteiras entre os Estados independentes, provocou uma desestabilização do poder central europeu e das bases de sustentação dos Estados Pontifícios. A reação da Igreja a esses fatos foi a de organizar a sociedade cristã, esfacelada pelos ideais revolucionários. A ideia de implantação de uma sociedade cristã perfeita – *societas perfecta*, construída com base na autoridade da religião e da moralidade – ganhou preponderância e foi levada a cabo pelos papas Pio VII (1800-1823), Pio VIII (1829-1830) e Gregório XVI (1831-1846) (Cf. GODOY, 2006, p. 121).

A principal atitude desses papas frente às transformações da sociedade europeia foi, inquestionavelmente, de condenação do mundo moderno e de seus ideais. Isso fica claro, particularmente, em dois documentos: a Encíclica *Mirari vos* (DZ 2730-2732), de 15 de agosto de 1832, escrita por Gregório XVI, e a Encíclica *Quanta Cura* (DZ 2890-2896), de 8 de dezembro de 1864, promulgada por Pio IX. No primeiro documento, o Papa Gregório XVI condenou a sociedade moderna ao eleger como principais inimigos da Igreja o liberalismo e a maçonaria. Pio IX, por sua vez, promoveu ações de repressão ao modernismo ao elencar 80 fórmulas – *Syllabus* (DZ 2901-2980) – que condenam as sociedades secretas, o racionalismo, o liberalismo e, sobretudo, o socialismo, cujas premissas, havia menos de cinquenta anos, começaram a ser elaboradas e difundidas. Além disso, ao convocar o Concílio



Vaticano I, Pio IX procurou renovar a já perdida autoridade temporal papal, por meio do dogma da Infallibilidade, atitude esta sem muito sucesso, como atestam as testemunhas da época. (PIERRARD, 2002, p. 141).

Toda essa efervescência, na sociedade e na Igreja, levou alguns padres a procurarem também uma nova reflexão sobre o papel da Igreja no mundo moderno e o modo como a teologia poderia, não condenar, mas dialogar com a sociedade que se distanciava cada vez mais dos bancos eclesiais. Surge, então, a *Nouvelle Théologie*, caracterizada pelo resgate das Sagradas Escrituras, o diálogo entre as religiões (ecumenismo), a riqueza da liturgia e a importância das ações laicais como presença da Igreja, sobretudo nos movimentos da Ação Católica (Cf. GONÇALVES, 2004, p. 69). Pio XII (1939-1958), por sua vez, apoiará o movimento bíblico e litúrgico e romperá, mesmo que insipidamente, com a eclesiologia medieval. No entanto, ao propor a Igreja como Corpo Místico de Cristo, em sua Encíclica *Mystici Corpori Christi*, de 29 de junho de 1943, condenará a *Nouvelle Théologie*, que surgira na Europa central, e destituirá de suas cátedras alguns dos seus teólogos mais representativos: Henri De Lubac (1896-1991), Jean Daniélou (1905-1974), M-D Chenu (1895-1990) e Yves Congar (1904-1995) (Cf. CODINA, 2018, p. 1).

Apesar de Pio XII, a exemplo de seus antecessores, ter-se fechado ao mundo moderno, sua preocupação em barrar o avanço do comunismo em diversas partes do mundo conduziu bispos, padres, religiosos, religiosas, leigos e leigas a uma tomada de consciência cada vez maior da índole missionária da Igreja Católica. Mesmo que em gérmen, sua Encíclica *Fidei Donum*, de 21 de abril de 1957, impulsionou o Catolicismo a se preocupar com a situação da Igreja presente na África e na América Latina ao convidar os bispos, sobretudo europeus, a se empenharem na formação e envio de missionários para as terras latino-americanas e africanas. As palavras do Papa Pio XII encontraram particularmente ressonância entre os bispos belgas, que já estavam acalentando a ideia de criação de um centro de formação de missionários próximo à Universidade de Lovaina. Segundo Pio XII, o missionário deveria levar o Evangelho a todos os povos latino-americanos e africanos, tornando-se presença de Cristo e, por consequência, da Igreja, junto àqueles que mais sofrem e estão sendo lesados em seus direitos fundamentais, tais como saúde, educação, liberdade e



justiça. Assim, afirmou o Papa: “A Igreja, pois, que, em todo o curso de sua história, protegeu o nascimento e desenvolvimento de tantas nações, não pode deixar de olhar com a máxima atenção por aqueles povos que vê alcançarem a liberdade política.” (FD n. 6).

É nesse contexto, histórico e eclesial, que nasceu o Colégio Pró-América Latina (COPAL). Ele foi a concretização de um projeto dos bispos belgas que queriam, já em 1895, abrir, junto à abadia beneditina de *Keizersberg*, um seminário de formação para futuros padres missionários voltados para a evangelização da América Latina. O projeto não prosperou até 1953. A partir dessa data, a ideia foi retomada e desenvolvida principalmente pelo Cardeal Joseph Ernest van Roey (1874-1961). Este viria a instalar o novo colégio em 1955 num convento em estilo neogótico situado na *Tervuursestrasse*, 56, na cidade de Lovaina (Löwen). Historicamente, um pouco antes da promulgação da *Fidei Donum*, o Colégio havia pensado na possibilidade de abrigar não só seminaristas belgas, mas também os latino-americanos (STOLS, 2014, p. 176).

Segundo o que testemunha o Cardeal van Roey, o primeiro a falar com ele sobre a situação preocupante da evangelização na América Latina, vista a escassez de padres naquele continente, foi o Cardeal Giuseppe Pizzardo (1877-1970), nomeado Prefeito da Sagrada Congregação dos Seminários e Universidades Católicas por Pio XII. O encontro se deu na cidade de Roma, em 1952. Naquela ocasião, o Cardeal Pizzardo afirmara que a Santa Sé se preocupava com a situação trágica e muito perigosa em que vivia a Igreja nos países da América Latina, em razão, por um lado, da penúria extrema do clero e, por outro lado, da forte propaganda protestante e expansão do socialismo (Cf. VAN ROEY, 1953).

Em resposta à preocupação do Cardeal Pizzardo, van Roey expôs aos bispos belgas, reunidos em Assembleia Anual na Arquidiocese de Malines, em 27 de julho de 1952, a necessidade da fundação de um colégio ou seminário para preparar padres para a América Latina. A primeira opção, como já fora dito acima, foi por fundar um seminário. No entanto, optou-se pela formação de um colégio ligado à Universidade Católica de Lovaina (Löwen). Isso se deu pelo fato de as dioceses e os institutos religiosos terem preferido instituir seus próprios seminários para a formação do clero. Nesse sentido,



o COPAL nunca teve muita procura como seminário, mas prevaleceu como um colégio que oferecia por alguns meses um curso de formação para padres já formados, freiras e leigos voluntários. Influenciados pela *Fidei Donum*, os bispos belgas colocaram à disposição da Santa Sé e da América Latina os padres do colégio. De 1955 a 1983, partiram para o Brasil 115 padres, dos quais 67 belgas. Um deles é o Pe. José Comblin (STOLS, 2014, p. 176).

3 MISSÃO DO COPAL E O MISSIONÁRIO PE. JOSÉ COMBLIN.

A partir do que já foi apresentado, podemos dizer que a maior missão do COPAL foi, então, a de ser um centro de formação para missionários voltados para a evangelização do continente latino-americano. Em sua carta endereçada ao Cardeal van Roey, datada de 5 de julho de 1952, o Cardeal Giuseppe Pizzardo havia explicitado a situação precária pela qual passava a Igreja na América Latina. Segundo ele, muito embora já tivesse sido cristianizado, o continente se encontrava em perigo devido ao número insuficiente de padres para afrontar “a propaganda desenfreada organizada pelos *Sem-Deus*; tornando-se difícil [aos países latino-americanos] permanecer cristãos” (PIZZARDO, 1952, p.1). E, um pouco mais adiante, acrescenta:

Em suas cidades florescentes, muito poucos são os padres que podem se consagrar à assistência espiritual e ao ensino nos seminários, nos Institutos de Educação, nos Colégios, nas obras da Ação Católica, e mesmo nas casas religiosas. Quase todos são absorvidos pelas necessidades essenciais do culto e pela administração dos sacramentos (PIZZARDO, 1952, p. 1).

Para enfatizar a amplitude dessa penúria, Pizzardo continua:

E o que dizer dessas zonas infinitamente extensas, onde, para subvencionar as necessidades espirituais de 6.000, 12.000, e mesmo 27.000 fieis dispersos em diversos centros distantes uns dos outros e por vezes de difícil acesso, um só padre se encontra em face da tarefa imensa? Que podem fazer, por exemplo, seis dezenas de padres (entre seculares e religiosos), para um território de 250.000 km²? O coração se aperta ao pensar nos moribundos privados dos últimos socorros da religião; nas populações inteiras só podendo raramente assistir, ao longo do ano, o Santo Sacrifício da Missa!... (PIZZARDO, 1952, p. 2).

O Cardeal van Roey, responsável pela Arquidiocese de Malines-Bruxelles, não deixará sem resposta esse apelo. Ele será o grande patrono e promotor dos trabalhos do COPAL. Em 24 setembro de 1954, o Colégio receberá o primeiro grupo de formandos, sendo eles: um seminarista argentino, um seminarista peruano, nove belgas, um padre da Diocese de Malines, um padre de Brugges. A formação geral fora assumida pela Universidade Católica de Lovaina: os seminaristas de filosofia passaram a ter aulas no Instituto Superior de Filosofia e os seminaristas de teologia, na Escola Menor da Faculdade de Teologia. Para os padres, fora previsto pelo menos 6 meses de formação dentro do Colégio. Essa formação consistia em um curso de espanhol e português, além de uma compreensão geral das características das localidades americanas; um curso de história, de geografia e sociologia americanas (Cf. VAN ROEY, 1954, p. 1).

A primeira direção do Colégio ficou a cargo de Monsieur Sireau, padre ainda jovem, mas dotado de muitas qualidades, segundo o Cardeal van Roey. A fim de dar ao Colégio sua característica latino-americana, o Bispo de Mercedes, na Argentina, autorizou um de seus seminaristas a vir terminar a teologia no COPAL com a finalidade de colocar os demais formandos a par das dificuldades da Igreja nas terras latino-americanas. Ainda mais, alguns bispos latino-americanos manifestaram o desejo de receber os missionários, como os brasileiros Dom Jaime de Barros Câmara (1856-1971), arcebispo do Rio de Janeiro (RJ), Dom Paulo de Tarso Campos (1895-1970), arcebispo de Campinas (SP), e Dom Orlando Chaves (1900-1981), bispo de Corumbá (MT).

No que se refere às necessidades dos alunos, a direção espiritual ficara a cargo dos professores padres da Universidade de Lovaina que viviam nas proximidades do Colégio, notadamente no Seminário Leão XIII. Quanto ao *status* canônico dos futuros missionários, os seminaristas latino-americanos, depois de ordenados, se estabeleceriam em suas próprias dioceses, enquanto os estrangeiros realizariam suas atividades missionárias estando incardinados nas dioceses de origem, mas adotados pelas dioceses que os abrigassem depois de formados pelo Colégio (Cf. VAN ROEY, 1954, p. 3)



Em 1950, ao terminar seu doutoramento, Comblin quis colocar em prática todo o conhecimento adquirido na Universidade e pede ao Cardeal van Roey a possibilidade de trabalhar numa paróquia. Foi nomeado vigário da Igreja Sagrado Coração, em Bruxelas. Nesse trabalho paroquial, o jovem padre percebeu a grande distância entre a religião tradicional e a sociedade. O mundo fora da sacristia estava evoluindo. Tudo estava em movimento: a política, a economia, a sociedade, os costumes, ao passo que a proposta de vida cristã estava cada vez mais distante dos assuntos cotidianos da população (Cf. MUGGLER, 2013, p. 30). Comblin logo se deu conta de que não haveria futuro na Igreja da Bélgica e quis se colocar em estado de missão. Não optou pelo continente africano — onde atuava seu irmão mais novo, André, da Congregação dos Missionários da África, mais conhecidos por *Pères Blancs* — e se colocou à disposição para partir à América-Latina. Mônica MUGGLER, na biografia sobre nosso autor, aponta tanto as razões que o fizeram partir de seu país de origem quanto seu desejo insistente, junto às autoridades eclesiais, em realizar uma experiência de missão. A Encíclica *Fidei Donum* traria o apoio necessário à sua decisão e o impulso de assentimento do Cardeal van Roey ao seu pedido. Em 29 de junho de 1958, Comblin parte em avião ao Brasil; desembarca um dia depois em São Paulo, após escalas em Lisboa, Recife e no Rio, tendo como destino a cidade de Campinas (Cf. MUGGLER, 2013, p. 49-50). Seis meses depois, iriam se ajuntar a ele mais dois outros missionários belgas, o doutor em letras clássicas e especialista em História Antiga e Medieval, Pe. Carl Laga (? –), e o doutor em Filosofia, Michel Schooyans (1930 –).

Chegando ao Brasil, o jovem teólogo terá a oportunidade de conhecer a realidade da Igreja católica em solo latino-americano e, o mais significativo, o modo como vive o povo brasileiro. Suas “Notas sobre a situação dos padres belgas no Brasil” foram escritas praticamente dois anos depois de sua chegada, em Campinas, e enviadas ao COPAL, como colaboração ao aprimoramento da formação e do envio de novos missionários ao Brasil e a outros países da América Latina.

Depois de ficar cerca de quatro anos em Campinas, e um tempo no Chile (1962-1965), nosso teólogo irá para o nordeste brasileiro, trabalhando ao lado daquele que admirará pelo resto de sua vida, Dom Helder Camara, de 1965 a 1972, quando será expulso do Brasil pelo regime militar. Será ali, no Nordeste brasileiro, que Comblin se



sentirá livre para apresentar o Concílio Vaticano II aos membros das futuras Comunidades Eclesiais de Base, ajudando-as a passar por uma conversão, ao voltarem-se para a pessoa humana dentro do contexto em que vive e ao responder aos anseios de vida e de liberdade, de crescimento e realização, de justiça e fraternidade (Cf. MUGGLER, 2013, p. 91).

PARTE II

4 NOTAS SOBRE A SITUAÇÃO DOS PADRES BELGAS NO BRASIL (1960).

Neste tópico, trataremos de mostrar o método de análise e a estrutura das notas, a partir dos quais nosso autor procurará contribuir para a eficácia do COPAL e da atuação dos padres belgas no Brasil.

4.1 Metodologia e Referências Bibliográficas.

No que concerne às “Notas”, o que nos chama a atenção é a consistência das análises sobre a realidade que cerca o jovem teólogo. Há em seu modo de ser uma assimilação admirável daquilo que João XXIII introduzirá nos documentos magisteriais: a leitura dos sinais dos tempos, para ver não só as transformações pelas quais estamos passando (dimensão histórica), mas também os apelos que o Espírito está dirigindo às Igrejas para apressar o advento do Reino de Deus (dimensão escatológica). Esse tema será caro ao teólogo belgo-brasileiro e vários dos seus escritos o atestam³. Há em seu estilo e em seu ministério pastoral e acadêmico uma disposição quase que natural para perceber o que se passa além das representações assimiladas pela academia e pelos organismos eclesiásticos e eclesiais. Philippe Dupriez conta o que por diversas vezes ouvira da irmã mais velha de Comblin, Collete. Segundo ela, seu irmão, “quando criança, passava muito tempo observando, através da grande janela da sala de estar, o que se passava na rua”⁴. É possível imaginar o olhar interessado

³ Cf. COMBLIN, José. **Os Sinais dos Tempos e a Evangelização**. São Paulo: Duas Cidades, 1968. (Coleção Teologia Hoje). Idem. Os Sinais dos Tempos. **Concilium**: Revista Internacional de Teologia, n. 312, p. 100 [524] – 114 [538], 2005/4. Idem. Sinais dos Tempos. In: **Quais os desafios dos temas teológicos atuais?** São Paulo: Paulus, 2005. p. 87-94.

⁴Cf. Entrevista concedida a Pe. Edelcio Ottaviani, na manhã de 30 de junho de 2017, na Rue du Blanc-Ry n° 43, em Ottignies - LLN. (Gravação e relato assinado por Philippe Dupriez. Arquivos do Grupo de Pesquisa José Comblin (GPJC) – PUCSP).



do menino se deslocando e querendo atravessar a vidraça para se colocar ao lado de toda a criançada que brincava nas ruas e das pessoas que passavam apressadas entre automóveis, bondes e bicicletas. Era conhecida a resistência de seu pai em vê-lo brincando com as crianças na calçada, principalmente junto daquelas cujos pais moravam nas “casas mais afastadas da vizinhança” (*les rues du quartier contigu avoisinant*)⁵. Eram filhos de operários que moravam nas casas pouco distantes da Rua do Tabelaio, cujas residências de três andares, próximas à Igreja da Santíssima Trindade, no bairro de Ixelles, acusavam a presença de uma próspera burguesia. Diretor do Ministério das Colônias, Firmino Comblin (1885-1957) não queria que seu filho frequentasse o meio popular, talvez por receio da má influência que as ideias anticlericais da classe operária pudessem exercer sobre ele⁶. O esforço fora em vão. Ironicamente nosso teólogo irá cada vez mais, como o fizera o Padre Joseph Cardijn (1882-1967), se aproximar dos meios populares.

O fato de atravessar a janela por meio do olhar nos leva a pensar na vontade do jovem teólogo em romper com as representações que as autoridades eclesásticas faziam da realidade e que nem sempre correspondiam à verdade. É o que constatamos ao ler suas “Notas”. As primeiras páginas já nos dão a ideia de que as razões apresentadas pelo Cardeal Pizzardo — posteriormente reafirmadas por Pio XII, na Encíclica *Fidei Donum*, segundo a qual o problema maior dos países latino-americanos era o número insipiente de sacerdotes — careciam de sustentação. Para ele, o problema não estava na quantidade de missionários a serem enviados à América latina, mas no real aproveitamento da qualidade dos missionários enviados pelo COPAL e de um projeto eficaz de cooperação.

Suas análises serão, assim, contundentes. Logo na primeira página, dirigindo-se ao diretor do COPAL e às demais autoridades eclesásticas, o missionário e doutor em teologia diz que elas poderão parecer pessimistas, por insistirem mais nos aspectos

⁵«Les Comblin habitaient la Rue du Tabellion n. 34, à Ixelles. C'était une rue bourgeoise, commençant au pied de l'église de la Trinité à grande façade baroque, avec de belles maisons qui cachaient celles plus pauvres qui se trouvaient dans les rues à l'arrière. Comblin, ainsi que ses frères et sœurs, était interdit de fréquenter les enfants de ces rues-là» (*Ibidem*).

⁶ Mônica MUGGLER também fala dessa prevenção dos pais de Comblin: “Naquele tempo havia ainda na cidade uma forte maioria que mantinha as tradições religiosas do mundo rural. A sua família pertencia a esse grupo e evitava cuidadosamente qualquer contato com os “liberais” ou os “socialistas”, porque qualquer contato podia contaminar a fé ou a moral” (MUGGLER, 2013, p. 28).



negativos do que nos pontos positivos da ação, uma vez que elas não foram transcritas para aplaudir o que era bom, mas para colaborar com o que se apresentava de uma forma ruim. O “pessimismo aparente”, diz ele, não passa de um “gênero literário”. Além do mais, suas “Notas” formam um conjunto de análises que partem de uma determinada perspectiva; são “inspiradas pelos pontos de vista particulares e limitados a partir do local de onde elas foram formuladas” (COMBLIN, 1960, p. 1). “Longe de pretenderem dar uma visão exaustiva da situação dos padres belgas no Brasil”, diz ele, “elas não são, entretanto, talvez, sem valor (*elles ne sont ce pendant peut-être pas sans valeur*)” (*Ibidem*). Perspectivismo, pessimismo aparente, combate ao que até então é visto como verdadeiro e de valor, tudo isso nos faz pensar no gênero empregado por Nietzsche em sua obra *Crepúsculo dos Ídolos: uma filosofia a marteladas* (1888), por meio da qual ele procurava, com uma estocada certa, e até certo ponto irônica, atingir o que de mais caro havia na cultura ocidental. Nesse sentido, as “Notas sobre a situação dos padres belgas no Brasil” podem ser vistas, do ponto de vista estilístico, como uma Teologia a marteladas, ou melhor, como um ensaio de “Teologia Prática a Marteladas”, uma vez que elas tratam efetivamente da eficácia necessária à ação dos padres belgas enviados à América Latina pelo COPAL.

Outro aspecto que chama a atenção sobre suas “Notas” são os instrumentos que ele utiliza para ver melhor o que o circunda, ou seja, a realidade antropológica, eclesial e pastoral do Brasil no final da década de 50. Uma passada de olho pela bibliografia nos dá a ideia de que ele se cercou de sociólogos de renome, tais como Maria Isaura Pereira de Queiroz (1918), especialista em sociologia da religião e expert no conhecimento dos movimentos messiânicos, para entender a sensibilidade religiosa do brasileiro; Gilberto Freyre (1900-1987), para conhecer as raízes da cultura brasileira e os traços da formação do homem brasileiro; o filósofo e cientista político Hélio Jaguaribe (1923-2018), para o entendimento dos problemas nacionais, além de Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), para o conhecimento da História Geral da Civilização brasileira. No que concerne o pensamento teológico elaborado no Brasil, Comblin cita a Revista Eclesiástica Brasileira (REB). Foram quase 50 livros lidos em pouco mais de dois anos!



Sua teologia a marteladas se ampara no olhar desses autores, como óculos que usamos para ver melhor o que tem aparência embaçada ou obnubilada, ou para nos proteger de uma luminosidade excessiva que nos impede de ver os matizes e o colorido das imagens reais. A golpes de martelo precisos e cadenciados, nosso teólogo lança um olhar desconstrutivo sobre as representações que serviram até então de base à criação do COPAL. Para ele, como veremos, não se trata, salvo em raras exceções, de um projeto de missão como desejava Pio XII e o Cardeal Pizzardo, mas de um projeto de cooperação, uma vez que a missão deve ser destinada ao desbravamento e ao anúncio do evangelho em terras virgens, que esperam a semeadura do verbo e contam com uma infraestrutura e organização importadas. Na América Latina, essa semeadura já fora feita há mais ou menos 450 anos. No entanto, para salvaguardar e fazer frutificar a semente, será preciso investir mais na qualidade do que na quantidade dos missionários, contradizendo o que disse Pio XII na *Fidei Donum* (Cf. ns. 2, 8, 10, 11, 12, 26 e 28) e as palavras do Cardeal Pizzardo, inseridas na carta datada de 05 de julho de 1952. Além do pensamento de diferentes autores brasileiros, nosso autor, para sustentar suas argumentações, lança mão de dados fornecidos pelas ciências humanas e pelos organismos de estatísticas locais, a fim de mostrar as reais condições da presença do catolicismo, das diferentes denominações protestantes e do comunismo no país, bem como a real situação dos estabelecimentos de ensino, dos seminários, institutos e universidades brasileiras e as condições dos métodos de evangelização e da catequese empregados no Brasil.

Acreditamos que nosso teólogo continuará aplicando esse método na maior parte de suas análises conjunturais. É o que atesta Carlos Mesters, em carta aberta, numa obra organizada em homenagem ao nosso autor, para lembrar o primeiro ano de sua ressurreição: “José Comblin conseguia tirar o véu e revelar o apelo de Deus que emergia dentro da realidade. As suas intuições eram tão surpreendentes, tão claras e evidentes que, muitas vezes, eu ficava admirado e me perguntava: “Como é que eu antes não percebia essas coisas?!” (MESTERS, 2012, p. 16). O próximo tópico tratará dessas questões com mais detalhes.



4.2 Estrutura das notas.

Mediante os limites de um artigo científico — que deve se ater à contribuição ou à abertura de novas veredas sobre determinado objeto de pesquisa, as quais demandarão, por sua vez, posteriores aprofundamentos —, este tópico não fará mais do que apresentar em linhas gerais o conteúdo das “Notas” e um ou outro aspecto extemporâneo do pensamento de Comblin no tocante à ação missionária dos padres belgas no Brasil. Em outras palavras, ele trará à baila percepções que serão desenvolvidas, sobretudo, pelos teólogos da libertação nas décadas de 70 e 80.

As “Notas sobre a situação dos padres belgas no Brasil” somam ao todo 92 páginas datilografadas. Do exemplar anexado ao Dossiê “Comblin”, custodiado pelos Arquivos da Arquidiocese de Malines-Buxelles, a capa traz apenas uma espécie de cartão colado com os dizeres datilografados: “Hommage respectueux de l’auteur” (homenagem respeitosa do autor), seguidos de seu sobrenome e o endereço de sua família, 34 Rue du Tabellion - Bruxelles 5, manuscritos. No final da página à direita, nome e sobrenome escritos à mão, mas com uma grafia bem desenhada. A primeira página apresenta a advertência aos leitores sobre o método aplicado a suas análises, o qual já comentamos. A primeira das quatro últimas páginas, ao invés de conter a chamada usual “Referências Bibliográficas”, é precedida pelo título “Ouvrages Lus” (obras lidas), como que para salientar o fato de conhecê-las bem e por tê-las realmente lido. Elas são separadas por grupos: “Catolicismo”, “História das Ideias”, “Sociologia”, “Problemas Nacionais”, “Revistas”. O corpo das Notas está dividido em seis grandes parágrafos, cada um deles precedido do grafema “§”, seguidos de um sétimo, intitulado “Conclusões”.

Assim, o § 1 tem como título “O problema da Cooperação dos padres Belgas no Brasil” (p. 2-15). Nessas treze páginas, o jovem teólogo procura justificar a importância de cada palavra do enunciado. Primeiramente, o COPAL está diante de um problema que deve ser resolvido de antemão: direcionar-se mais para um projeto de “cooperação” do que propriamente de missão, uma vez que esta última está reservada a regiões onde o nome de Jesus jamais foi ouvido. Esse não é o caso da América Latina, onde já existe uma Igreja local e bem assentada na maior parte do território. Trata-se de aplicar, nos convênios de cooperação, a fórmula já conhecida pelas congregações



religiosas, mas praticamente não assimilada pelo clero diocesano brasileiro. Não se trata também de um trabalho junto aos imigrantes, pois estes já estão integrados ao modo de operar do clero local. Nesse sentido, as análises de nosso autor se aterão à cooperação dos padres belgas, não mais que isso (Cf. COMBLIN, 1960, p. 3). Outro elemento a ser resolvido, antes de qualquer desdobramento do que deve ser um projeto de cooperação, é a compreensão dos termos dos contratos estabelecidos entre o COPAL e as dioceses latino-americanas. Em sua análise, o doutor e missionário parece aplicar os pressupostos do método fenomenológico, dizendo em outras palavras que é preciso esclarecer os “noemas”. Segundo ele, a letra pode ser a mesma, o instrumento que firma o contrato pode ser o mesmo, os termos podem ser os mesmos, mas “o que o clero brasileiro espera dos padres belgas não corresponde exatamente ao que estes últimos desejam oferecer” (Ibidem). Trata-se de perceber que a ideia (noema) que uma parte tem sobre o trato não é a mesma da outra parte. Sem desmerecer nenhuma das duas interpretações, o que se faz necessário é ajustar essas duas visões, sem que haja a superposição de uma sobre a outra. Nesse sentido, Comblin inicia uma longa exposição do contexto eclesiástico e eclesiológico do Brasil, dos hábitos culturais dos brasileiros, a fim de explicitar que o COPAL não tem uma ideia exata dos reais problemas da América Latina.

Há, no Brasil, um movimento de passagem do mundo pré-moderno — associado à chamada “velha cristandade”, próxima do cristianismo medieval português — às mudanças operadas pela industrialização e a conseqüente urbanização. Para fundamentar suas análises e as adequações de métodos de ação pastoral a serem aplicadas conjuntamente pelos padres brasileiros e belgas, nosso autor cita o sociólogo Florestan Fernandes (1920-1995), mostrando que o Brasil ainda está longe de ter a sincronização “com os países que formam o nó de renovação original da civilização ocidental” (Ibidem, p. 8). No que se refere aos padres belgas, é preciso que eles resistam a duas vertentes, nesse caso, opostas: a primeira, ligada ao método de assimilação, isto é, à tendência de se adaptar pura e simplesmente aos hábitos brasileiros, como fazem as congregações atuais. O inconveniente deste método é que ele deixa as coisas como estão; a segunda, própria aos jesuítas dos séculos XVII e XVIII, é a de resistir a qualquer adaptação e querer impor sua própria visão sobre o trabalho de evangelização. É o que foi feito nas reduções jesuíticas junto aos



indígenas. Depois que foram expulsos, nada mais restou, tudo foi varrido. Seu inconveniente é de formar pequenas ilhas no seio da América latina que tenderão a não deixar nenhum traço depois de sua passagem. A saída desse impasse parece ser uma construção conjunta de um projeto de evangelização (apostolado) (Cf. COMBLIN, 1960, p. 12). Por fim, não se trata de enviar um número cada vez maior de missionários ao Brasil. O problema não é de quantidade, mas de qualidade. Por mais missionários que o COPAL envie, serão uma gota no oceano (Cf. Ibidem, p. 10). É preciso que haja uma maior adequação entre os projetos das dioceses e aqueles assumidos pelo COPAL. O jovem teólogo deixa transparecer, por duas vezes, sua frustração para com D. Paulo de Tarso Campos, arcebispo de Campinas, que não tinha um projeto claro para ele e seus dois companheiros (Cf. Ibidem, 1960, p. 13): três doutores vindos de Lovaina sem um projeto preestabelecido lhe parece desperdício de forças fadado à ineficácia (Cf. Ibidem, p. 14-15).

O § 2 discorre sobre a estrutura do Catolicismo Brasileiro (p. 15-37). Amparado nas análises dos sociólogos brasileiros e em sua própria experiência, nosso autor identifica nesse catolicismo três camadas (*couches*). A primeira é relativa ao catolicismo tradicional, colonial, arcaico e que tem suas raízes na Idade Média portuguesa, mas que milagrosamente se mantém vivo em meio ao século XX. Faz parte da cultura do povo. Comblin já enuncia nesse parágrafo o advento de uma corrente da teologia da libertação que se desenvolverá mais propriamente na Argentina, a chamada *Teologia del Pueblo*, após a II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, que ocorreria em Medellín (1968). Nosso teólogo afirma: “o estudo desta religião patriarcal, medieval, não foi feito e é necessário começar a fazê-lo agora, caso se deseje fazê-lo algum dia” (COMBLIN, 1960, p. 15). Segundo ele, os que o fazem são os sociólogos, folcloristas e etnólogos, geralmente céticos e incrédulos. É este catolicismo que mantém viva a fé do povo, independentemente da presença de sacerdotes. Eis o porquê de a quantidade não ser o problema maior, mas a qualidade do trabalho desenvolvido pelos padres belgas no Brasil. O jovem teólogo é igualmente sensível à presença de Maria na vida do povo. Segundo ele, todos cedem frente à presença de Nossa Senhora Aparecida: comunistas, protestantes, espíritas, ateus (Cf. ibidem, p. 17). Rafael Tello (1917-2002), representante da *Teologia del Pueblo*, ao tratar da fé popular, dirá mais tarde que uma reflexão teológica



voltada para a análise da piedade popular não pode deixar de mencionar a especial relação de amor que há entre os pobres e a Virgem Maria (Cf. BIANCHI, 2016, p. 234). Muito embora esta forma de religião seja praticada por cerca de 90% da população (dados da época), para Comblin não parece possível aos padres belgas integrarem-se nela (COMBLIN, 1960, p. 22), ainda mais que ele via nessa forma de catolicismo uma tendência à decadência, devida ao advento da industrialização e da urbanização (Cf. *Ibidem*, 1960, p. 23).

A segunda camada se deve ao aporte europeu relativamente recente e à presença das congregações religiosas europeias (de ramos feminino e masculino), vindas principalmente da Itália, Alemanha e Holanda, depois da Proclamação da República (1889). Associam-se a essa corrente os padres brasileiros formados em Roma. Ela se baseia na frequência cada vez maior aos sacramentos e aos exercícios de piedade. Sua influência é limitada, pois se alinha aos locais de menor resistência, ou seja, às cidades. Além da limitação geográfica, nota-se a estratificação social, pois as congregações exercem sua influência nas regiões mais próximas do modo de vida europeu. Aliás, este é o ponto fraco do seu trabalho missionário, uma vez que elas “não tiveram a preocupação primeira de conhecer o país e suas necessidades estudadas sob uma visão de conjunto” (*Ibidem*, p. 27), e não se sentem responsabilizadas pela conjuntura que aqui encontraram. Elas se alocaram onde os fundos para as obras já estavam garantidos (junto às classes média e burguesa), desinteressando-se pelo interior do país, pelos campos e pela classe operária. Estes, por sua vez, se refugiaram no catolicismo tradicional da primeira camada.

A terceira camada, que se sobrepôs às duas outras camadas, é igualmente de importação europeia e formada pela influência da Ação Católica. Comblin traça um percurso dessa corrente, que ele julga mais intelectual, e que está ligada ao Centro Dom Vital, no Rio de Janeiro, e a figuras como Jackson Figueiredo (1891-1928), seu fundador, e Alceu de Amoroso Lima (1893-1983), seu sucessor, cujo codinome era Tristão de Athaíde. Ambos se apoiavam no neotomismo, tendo o segundo se voltado mais propriamente às ideias do humanismo cristão (Cristandade profana), de Jacques Maritain (1882-1973). Segundo nosso teólogo, apesar de todos os louváveis esforços desses intelectuais, o pensamento de Maritain não encontrou eco entre os brasileiros,



uma vez que não havia o anticlericalismo potente e organizado característico da França, em relação ao qual é construída a reflexão filosófica do existencialista cristão.

Os § 3, 4 e 5 tratam respectivamente das vocações sacerdotais (p. 37-51), dos problemas intelectuais (p. 51-63) e da catequese (p. 64-70). O limite imposto a este texto impede que possamos aprofundá-los. Em relação ao § 6, intitulado “Ensaio de Posição do Problema” (p. 71-85) e ao § 7, “Conclusões”, gostaríamos de salientar somente dois aspectos: a presença do comunismo em continente latino-americano e o avanço dos protestantes, mencionados diretamente na Carta do Cardeal Pizzardo ao Cardeal van Roey, e relacionados ao contexto da *Fidei Donum*. No tocante ao primeiro aspecto, depois de apresentar um breve histórico da implantação do comunismo no Brasil — desde Luiz Carlos Prestes (1898-1990), passando pela ilegalidade no governo de Getúlio Vargas (1882-1954), em 1947, pela atuação política clandestina por meio dos sindicatos e da participação em outras siglas —, nosso autor traça um painel da presença e da influência dos comunistas no Brasil:

O partido comunista tem por finalidade hoje a agitação social. Sobre o plano nacional ele não tem poder algum. Mas, ele pode ser elemento na política internacional soviética (...). Em resumo, o comunismo não constitui um adversário muito temível, ao menos na forma que conhecemos atualmente (COMBLIN, 1960, p. 74).

Em relação ao protestantismo, nosso teólogo alude que ele não é um fenômeno novo no Brasil, uma vez que os protestantes estão há bastante tempo no Brasil (batistas, metodistas e presbiterianos). Embora elenque um rol de novas seitas extremistas (escatologistas ou excessivamente espirituais), como os adventistas, assembleias de Deus, pentecostais, mórmons e testemunhas de Jeová, Comblin julga difícil apreciar exatamente suas repercussões (Cf. COMBLIN, 1960, p. 75), e faz uma apreciação dos efeitos e das características do avanço dessas novas denominações religiosas, que ele chama de “seitas”, em mais ou menos três páginas e depois se lança na apreciação do espiritismo. Por fim, ele conclui:

Em resumo, o destino do catolicismo no Brasil não depende essencialmente neste momento — pelo que se pode julgar pelos fatores visíveis atualmente em ação — das forças adversas. Ele depende essencialmente das possibilidades de ação do próprio catolicismo (Ibidem, p. 79).



À guisa de conclusão, nosso autor faz uma série de considerações deixando claro que o problema a ser enfrentado no Brasil está na formação dos padres e da consciência do papel que o Brasil pode representar na conjuntura universal da Igreja. Os católicos do Brasil não se sentem, de forma alguma, responsáveis pelo resto do mundo. “Sua Igreja é uma Igreja que recebe, não uma Igreja que doa” (Ibidem, p. 80). Uma inversão nesse quadro só será possível se houver “planos de conjunto para a Igreja, em nível diocesano ao menos, e melhor ainda em nível superior ao diocesano” (Ibidem, p. 81). Aqui, ele parece aludir ao que dirá mais explicitamente adiante: “O que mais falta para o desenvolvimento católico no Brasil são os organismos centrais, tendo autoridade sobre os bispos; superbispos podendo dirigir toda uma região” (Ibidem, p. 84). Sem isso, os padres belgas se sentirão desencorajados diante de um trabalho imenso, por se encontrarem “desmunidos, solitários frente a uma montanha a demover” (Ibidem, p. 81). Ao contrário, ali onde o trabalho apostólico será realmente organizado, ele dará frutos numerosos. Nessas passagens, podemos contemplar a visão profética do jovem teólogo a respeito do que viria a ocorrer no pensamento teológico e na ação pastoral do Brasil durante as décadas de 70 e 80. É o que atesta Carl Laga a respeito do seu companheiro de missão no Brasil: “José Comblin, não há dúvida, participou ativamente dela [da Teologia da Libertação], tinha contatos frequentes com Gustavo Gutiérrez e outros protagonistas, lutou por ela, escrevendo, discursando, explicando. Tudo isso foi importante pelo resto de sua vida” (LAGA, 2014, p. 180).

Nas Conclusões (COMBLIN, 1960, p. 85-88), nosso teólogo reafirma o caráter incompleto de suas análises, não sem antes elencar seis atividades que lhe parecem ser as mais importantes naquele momento da Igreja do Brasil: 1. Formação do clero; 2. Formação religiosa, pela ação católica, da juventude estudantil em universidades e colégios, movimentos juvenis, ensino religioso e todos os outros meios apropriados; 3. Formação das elites operárias, por meio da JOC, do movimento familiar cristão e de outros métodos; 4. Ação catequética organizada; 5. Ministério paroquial nas grandes cidades; 6. Ministério paroquial no interior das grandes dioceses.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, fruto de uma pesquisa conjunta dos materiais coletados durante o período de férias universitárias no Brasil e na Bélgica (final de junho e início de julho de 2017), pôde fornecer uma amostra do poder de análise, dos métodos empregados e do engajamento missionário de José Comblin. A cooperação que ele insistentemente aconselhou aos diretores do COPAL e às autoridades eclesiais tanto belgas quanto brasileiras ele a viveu. Os frutos que ele avistou pôde colhê-los junto a D. Helder Camara (1909-1999), D. Manoel Larraín (1900-1966) – no Chile, D. Leônidas Proaño (1910-1988) – no Equador, D. Paulo Evaristo Arns (1921-2016) – em São Paulo, D. Luiz Flávio Cappio (1946) – na Diocese de Barra (BA), e ao lado de tantos leigos e leigas com os quais trabalhou nos Centros de Formação Missionária (femininos e masculinos), que ajudou a fundar não só no interior do Brasil quanto em outros países da América Latina (Chile e Equador, em particular). Suas “Notas” revelam um olhar crítico e ao mesmo tempo visionário do teólogo, missionário e educador belga radicado no Brasil. Elas apontam para eixos fundamentais e transversais que voltam a ser prioridade nos dias de hoje para a Igreja Católica do Brasil, sobretudo depois da virada que ela sofreu na América Latina a partir do Sínodo de 1985 (Cf. LORSCHIEDER, 1986/6, p. 87-88), quando delineou uma verdadeira cruzada contra a Teologia da Libertação e as aplicações conciliares de Medellín (1968). Vale a pena elencá-los mais uma vez: 1. Projeto de Cooperação, e não de Missão (redirecionamento da *Fidei Donum*); 2. Melhor aproveitamento da Cooperação (qualidade e não quantidade de missionários). 3. Atuação conjunta da Igreja: a) no âmbito da Cultura e da Estrutura sociopolítica. b) no âmbito da Formação Sacerdotal, primando por uma atenção maior frente à realidade que nos cerca e uma capacitação cada vez maior para traçar planos de ação que superem as consequências nefastas da injustiça social. c) no âmbito da promoção vocacional, como testemunho evangélico junto aos jovens nos colégios e associações juvenis; d) no âmbito da Educação, desenvolvendo centros de pesquisa que reflitam sobre os problemas locais; e) no âmbito da Catequese, para uma maior eficácia da evangelização.

Para os recalitrantes ou ressabiados, as marteladas de Comblin podem parecer, como ele mesmo diz, pessimistas, quem sabe, niilistas. Não obstante, vale a pena



lembrar que o martelo, enquanto utensílio, não é somente um instrumento de destruição. As “Notas” — como toda a ferramenta e pelos elementos extemporâneos que as constituem — são sem dúvida, nos dias de hoje, um instrumento valioso, escrito fora de nosso tempo, mas essencial para a construção de um Brasil que ainda está por vir!

REFERÊNCIAS

BIANCHI, Enrique Ciro. **Pobres en este mundo, ricos en la Fe**: la fe de los pobres de América según Rafael Tello. 2. ed ampliada y actualizada. Buenos Aires: Agape, 2016.

CODINA, Víctor. Medellín en su contexto eclesial. **Revista Latino Americana de Teologia** (ASETT/EATWOT). 2018. Disponível em <<https://donboscosur.org/wp.../Contexto-Medelliën-V-Codina.pdf>>. Acesso em 5 de set de 2018.

DENZINGER, H. **Compêndio dos Símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007.

GODOY, João Miguel. O Contexto Histórico do Concílio Vaticano II. **Revista Notícia Bibliográfica e Histórica**. Revista da Faculdade de História, Campinas, PUC-Campinas, nº 201, julho\dezembro, 2006, p. 117-128.

GONÇALVES, Paulo Sérgio. A teologia do Concílio Vaticano II e suas consequências na emergente Teologia da Libertação. In. GONÇALVES, Paulo Sérgio; BOMBONATO, Vera. **Concílio Vaticano II. Análise e perspectivas**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 69-94.

HOBBSAWN, ERIC J. **A Era das Revoluções (1789-1848)**. Tradução de Maria Tereza Teixeira e Marcos Penchel. 38 ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz & Terra, 2017.

LAGA, Carl. Joseph Comblin (1923-2011). In: STOLS, Eddy; PELAES MASEARO, Luciana; BUENO, Cláudio (Orgs.). **Brasil e Bélgica**. Cinco séculos de Conexões e Interações. São Paulo: Narrativa, 2014, p. 178-181.

LORSCHIEDER, Aloísio. Testemunho sobre o Sínodo extraordinário na Luz do Vaticano II, passados 20 nos. **Concilium**, n. 208, Número especial sobre o Sínodo 1985, p. 83-88, 1986/6.

MESTERS, Carlos. Carta Aberta. In: **Novos Desafios Para o Cristianismo**: a contribuição de José Comblin. São Paulo: Paulus, 2012.

MUGGLER, Monica Maria. **Padre José Comblin: uma vida guiada pelo Espírito**. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2013.

PIERRARD, Pierre. **História da Igreja**. São Paulo: Paulus, 2002.



PIO XII, Papa. **Fidei Donum**. Carta Encíclica de 21 de abril de 1957. In AAS 49 (1957) 225-248. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/..hf_p-xii_enc_21041957_fidei-donum.html>.

PIZZARDO, Giuseppe. **Lettre au cardinal Van Roey sur la fondation du Collège Pro-Amérique Latine**. 1952. In. Acervo do Grupo de Pesquisa José Comblin (Cnpq). PUC-SP. Acesso em 5 de setembro de 2018.

ROEY, Joseph Ernest van. **Lettre au Cardinal Pizzardo sur la situation du Collège Pro-Amérique Latine**. 1954. In: Acervo do Grupo de Pesquisa José Comblin (CNPq). PUC-SP. Acesso em 5 de setembro de 2018.

STOLS, Eddy. Presenças belgas no catolicismo do Brasil contemporâneo (1945-2010). In: STOLS, Eddy; PELAES MASEARO, Luciana; BUENO, Cláudio (Orgs.). **Brasil e Bélgica**. Cinco séculos de Conexões e Interações. São Paulo: Narrativa, 2014, p. 176-178.

